

## Capítulo 1:

Senti o medo dela antes de ouvir seus gritos.

O pesadelo dela pulsou dentro de mim, arrancando-me do meu próprio sonho, onde eu estava numa praia e Orlando Bloom passava óleo de bronzear no meu corpo. Imagens — dela, não minhas — invadiram-me a mente: fogo e sangue, o cheiro da fumaça, a lataria retorcida de um carro. As figuras me cercavam, me embrulhavam, me sufocavam, até que alguma parte racional do meu cérebro me lembrou de que aquele não era o *meu* sonho.

Acordei, mechadas de cabelos negros e compridos estavam grudadas na minha testa.

Lissa estava deitada em sua cama debatendo-se e gritando. Eu pulei da minha cama, cruzei rapidamente os poucos centímetros que nos separavam.

— Liss — disse eu, sacudindo-a. — Liss, acorde.

Os gritos cessaram, substituídos por um pranto leve:

— Andre — ela gemeu. — Ai, meu Deus.

Eu a ajudei a se sentar.

— Liss, você não está mais lá. Acorde.

Depois de alguns minutos, seus olhos se abriram, hesitantes, e, sob a luz fraca, pude ver um lampejo de consciência começando a ocupar sua mente. A respiração frenética foi se acalmando, e ela se recostou em mim, descansando a cabeça no meu ombro. Eu a abracei e passei a mão sobre os seus cabelos.

— Tudo bem — disse a ela calmamente. — Está tudo bem.

— Eu tive aquele sonho.

— É. Eu sei.

Nós ficamos sentadas ali durante algum tempo, sem dizer mais nada. Quando senti que ela estava se acalmando, inclinei-me em direção à mesinha de cabeceira que ficava entre as nossas camas e acendi o abajur. A luz era fraca, mas nenhuma de nós precisava de muita claridade para enxergar. Atraído pela luz, Oscar, o gato do rapaz que dividia a casa conosco, saltou para dentro pela janela aberta.

Ele recuou para longe de mim — por alguma razão, os animais não gostam de vampiros — mas subiu na cama e roçou a cabeça em Lissa, ronronando baixinho. Os animais não têm problema algum com os Moroi, e todos amavam Lissa de modo especial. Sorrindo, ela acariciou-lhe o queixo, e eu senti que ela ia gradualmente se acalmando.

— Quando foi a última vez que você se alimentou? — perguntei, estudando-lhe a fisionomia. Sua pele clara estava mais pálida do que de costume. Círculos escuros se estendiam embaixo dos olhos, e ela parecia enfraquecida. Tinha sido uma semana puxada na escola, e eu não conseguia lembrar quando fora a última vez que eu fornecera sangue a ela. — Foi há... mais de dois dias, não foi? Três? Por que você não disse nada?

Ela deu de ombros e evitou o meu olhar.

— Você estava ocupada. Eu não quis...

— Ocupada? Que se dane — disse eu, mudando de posição. Era de se esperar que ela parecesse tão fraca. Oscar, evitando a minha aproximação, saltou da

cama e voltou para a janela, de onde podia assistir a tudo a uma distância segura.  
— Venha. Vamos fazer isso.

— Rose...

— Venha. Você vai se sentir melhor.

Eu inclinei a cabeça e joguei meu cabelo para trás, deixando o pescoço à mostra. Ela hesitou, mas a visão do meu pescoço e do que ele oferecia era tentadora demais. Uma expressão de fome invadiu-lhe o rosto, e seus lábios se abriram levemente, expondo os caninos que ela normalmente mantinha escondidos enquanto circulava entre os humanos. Aqueles caninos contrastavam estranhamente com o resto de suas feições. Seu belo rosto e os cabelos louro-claros faziam com que ela parecesse mais um anjo do que uma vampira.

Assim que seus dentes se aproximaram da minha pele nua, eu senti o coração disparar num misto de medo e ansiedade. Sempre detestei sentir essa expectativa, mas era inerente a mim, uma fraqueza que eu não conseguia conter.

Seus caninos me rasgaram a pele, com força, e eu dei um grito sentindo a breve chama da dor. Depois passou e se transformou numa imensa e maravilhosa alegria que se espalhou por todo o meu corpo. Era melhor do que todas as vezes em que eu estivera bêbada ou chapada. Era melhor do que sexo — ou pelo menos eu imaginava que fosse, uma vez que nunca fizera sexo. Era um cobertor de puro prazer, de um prazer refinado que me cobria e trazia a promessa de que tudo ficaria bem no mundo. E o prazer continuava a me preencher. A química da sua saliva disparava uma onda de endorfina, e eu perdia a noção do mundo, perdia a noção de quem eu era.

Então, infelizmente, acabou. Demorara menos de um minuto.

Ela se afastou, passando as costas das mãos nos lábios, enquanto me examinava com o olhar.

— Você está bem?

— Eu... estou. — Me deitei de costas na cama, tonta por causa da perda de sangue. — Eu só preciso descansar um pouco. Estou bem.

Seus olhos claros, de um verde cor de jade, me olhavam com preocupação. Ela se levantou.

— Vou ver alguma coisa para você comer.

Meu protesto chegou sufocado aos meus lábios, e ela saiu antes que eu conseguisse formar uma frase. O frisson da mordida dela em mim se esvanecera assim que o contato físico se interrompeu, mas um rastro dele ainda corria pelas minhas veias, e eu senti um sorriso tolo me invadir os lábios. Virei a cabeça e vi Oscar, ainda sentado na janela.

— Você não sabe o que está perdendo — disse a ele.

Sua atenção agora estava concentrada em algo lá fora. Ele se agachou, e eriçou o pelo preto escuro. Depois contorceu o rabo.

O sorriso desapareceu do meu rosto, e fiz um esforço para me sentar. O mundo à minha volta girava, e eu esperei até que ele parasse para tentar me pôr de pé. Quando consegui, a tontura tomou conta de mim novamente, e desta vez se recusou a ir embora. Mesmo assim, pude ir aos tropeços até a janela e ver, ao lado de Oscar, o que havia do lado de fora da janela. Ele me olhou cauteloso, afastou-se um pouco para o lado, e depois voltou novamente os olhos para o que chamara anteriormente a sua atenção.

Uma brisa morna — morna demais para um outono em Portland — brincou com os meus cabelos quando me debrucei na janela. A rua estava escura e relativamente silenciosa. Eram três horas da manhã, basicamente a única hora em que não há movimento no campus de uma faculdade, ou em que não há quase movimento. A casa na qual há oito meses alugávamos um quarto ficava numa rua residencial cheia de casas velhas e de arquiteturas variadas. Do outro lado da rua, a lâmpada de um poste de luz piscava, prestes a se apagar. Mas ainda me fornecia claridade suficiente para distinguir as formas dos carros e dos prédios. No nosso próprio quintal eu pude ver as silhuetas das árvores e dos arbustos.

E um homem me observando.

Esquivei-me surpreendida. Havia um vulto de pé ao lado de uma árvore no quintal, a uns dez metros de distância, de onde ele podia facilmente ver através da janela. Ele estava tão perto que eu provavelmente conseguiria atingi-lo se jogasse algo em sua direção. Com certeza ele estava perto o suficiente para ver o que Lissa e eu tínhamos acabado de fazer.

As sombras o cobriam tão bem que, mesmo com minha visão aguçada, não consegui enxergar suas feições, apenas a altura. Ele era alto. Muito alto. Ficou ali de pé, pouco visível, por apenas um instante, e depois se afastou e desapareceu escondido pelas sombras das árvores que ficavam mais adiante no quintal. Eu estava certa de ter percebido mais alguém se movimentando ali por perto e se juntando a ele antes que a escuridão os engolisse.

Fossem quem fossem, Oscar não gostou nada deles. À exceção de mim, ele geralmente se dava bem com a maioria das pessoas, e se deixava perturbar apenas quando alguém parecia uma ameaça iminente para ele. O sujeito do lado de fora não fizera nada de intimidante para Oscar, mas o gato sentira algo, algo que o pusera em alerta.

Algo semelhante ao que ele sempre sentira em mim.

Um medo de arrepiar percorreu-me o corpo, quase — mas não inteiramente — erradicando o agradável êxtase da mordida de Lissa. Afastando-me da janela, eu me meti de qualquer jeito numa calça jeans que encontrei no chão, quase caindo enquanto a vestia. Uma vez vestida, apanhei meu casaco e o de Lissa, e as nossas carteiras. Enfiando os pés no primeiro par de sapatos que encontrei, dirigi-me então para a porta.

Lá embaixo, encontrei-a na cozinha desarrumada, investigando a geladeira. Um dos nossos colegas de casa, Jeremy, estava sentado à mesa com as mãos na testa, olhando tristemente para um livro de cálculo. Lissa olhou para mim surpresa.

— Você não devia estar de pé.

— Nós temos que ir. Agora.

Ela arregalou os olhos, e, então, um segundo depois, compreendeu do que se tratava.

— Você tem... mesmo? Você tem certeza?

Fiz que sim com a cabeça. Não sabia explicar por que eu tinha certeza. Mas eu tinha.

Jeremy olhou intrigado para nós.

— Aconteceu alguma coisa?

Eu tive uma ideia.

— Liss, pegue a chave do carro dele.

Ele olhava para uma e para a outra alternadamente.

— O que vocês estão...

Lissa caminhou até ele sem hesitar. O medo dela me invadiu por meio de nosso laço psíquico, mas havia algo mais além do temor: certeza plena dela de que eu cuidaria de tudo, de que ambas ficaríamos seguras. Como sempre, eu esperava me mostrar merecedora de tamanha confiança.

Ela abriu um sorriso largo e olhou bem dentro dos olhos dele. Durante um momento, Jeremy apenas olhou de volta, ainda confuso, e então pude ver o transe tomar conta dele. Seus olhos tornaram-se vítreos, e ele a olhou de modo submisso, em estado de adoração.

— Vamos precisar do seu carro — disse ela com voz suave. — Onde está a chave?

Ele sorriu e eu estremei. Eu tinha uma alta capacidade de resistência à compulsão, mas, ainda assim, podia sentir seus efeitos mesmo quando dirigida a outra pessoa. Estremei também, pois, durante toda a minha vida, tinham-me ensinado que era errado usar a compulsão. Jeremy tirou do bolso um molho de chaves penduradas num grande chaveiro vermelho e o entregou a Lissa.

— Obrigada — disse Lissa. — E onde está estacionado?

— Na rua, mais para baixo — respondeu ele em transe. — Na esquina. Na Brown. — A quatro quarteirões de distância.

— Obrigada — disse ela, afastando-se. — Assim que sairmos, quero que você volte para os seus estudos. Esqueça que nos viu esta noite.

Ele fez, servilmente, um sinal afirmativo com a cabeça. Tive a impressão de que ele teria se jogado de um penhasco por ela sem hesitar se ela assim o tivesse pedido. Todos os humanos são suscetíveis à compulsão, mas Jeremy parecia ainda mais fraco do que a maioria deles. Isso foi bem útil para nós naquele momento.

— Vamos — disse eu a ela. — Temos que ir.

Saímos e fomos em direção à esquina que ele nos indicara. Eu ainda estava tonta por causa da mordida e andando meio trôpega, não conseguindo me movimentar com a rapidez que desejava. Lissa teve de me amparar algumas vezes para que eu não caísse. O tempo todo a angústia dela me invadia o pensamento, vinda diretamente da sua mente. Tentei ao máximo ignorá-la; eu já tinha de lidar com os meus próprios medos.

— Rose... o que você vai fazer se eles nos pegarem? — sussurrou ela.

— Eles não vão nos pegar — respondi com firmeza. — Eu não vou deixar.

— Mas, se eles tiverem nos encontrado...

— Eles já nos encontraram antes. E não conseguiram nos pegar. Nós vamos de carro até a estação de trem e de lá vamos para Los Angeles. Eles vão perder o nosso rastro.

Fiz com que esse plano parecesse simples. Era o que eu sempre fazia, embora não fosse nada simples manter-se em constante fuga das pessoas junto às quais tínhamos crescido. Vínhamos fazendo isso havia dois anos, escondendo-nos onde quer que pudéssemos e tentando ver se ao menos conseguíamos terminar o ensino médio. Nosso último ano do ensino médio acabara de começar, e morar

num campus universitário parecia de algum modo mais seguro. Estávamos muito perto da liberdade.

Ela não disse mais nada, e eu senti a confiança dela em mim aumentar repentinamente mais uma vez. Sempre fora assim entre nós. Eu era a que agia, que fazia as coisas acontecerem — às vezes precipitadamente. Ela era a mais racional, a que planejava as coisas e as pesquisava exaustivamente antes de agir. Ambos os estilos tinham as suas vantagens, mas naquele momento, era preciso que nos precipitássemos. Não tínhamos tempo para hesitação.

Lissa e eu éramos a melhor amiga uma da outra desde o jardim de infância, quando a nossa professora nos pôs em dupla para fazermos trabalhos escolares juntas. Forçar crianças de cinco anos a soletrar *Vasilisa Dragomir* e *Rosemarie Hathaway*, porém, era algo que ia além da crueldade, e nós — ou melhor, eu — respondemos à altura. Atirei meu livro na professora e a chamei de fascista canalha. Eu não sabia o que aquelas palavras significavam, mas sabia muito bem como atingir um alvo em movimento.

Lissa e eu nos tornamos inseparáveis desde então.

— Você ouviu isso? — perguntou ela de repente.

Levei alguns segundos para me dar conta do que os sentidos aguçados dela já haviam percebido. Passos, movendo-se rapidamente. Eu contraí o rosto preocupada. Tínhamos ainda dois quarteirões pela frente.

— Vamos ter que correr até lá — disse eu, agarrando o braço dela.

— Mas você não pode...

— *Corre.*

Usei até a última reserva da minha força de vontade para não desmaiar na calçada. Meu corpo não queria correr depois de ter perdido tanto sangue e enquanto ainda metabolizava os efeitos da saliva dela. Mas eu ordenei aos meus músculos que parassem de reclamar e me agarrei à Lissa enquanto nossos pés se moviam pesadamente sobre o concreto. Em geral eu poderia correr mais rápido do que ela sem maior esforço — principalmente ela estando descalça —, mas, naquela noite, era ela quem me mantinha de pé.

Os passos que nos perseguiam foram ficando mais fortes, e chegando mais perto. Estrelas negras dançavam diante dos meus olhos. À nossa frente, eu pude distinguir o Honda verde de Jeremy. Meu Deus, se ao menos conseguíssemos chegar até lá...

A pouco mais de três metros do carro, um homem atravessou bem no meio do nosso caminho. Nós demos uma parada brusca, e eu puxei Lissa para trás pelo braço. Era *ele*, o sujeito que eu vira do outro lado da rua me observando. Ele era mais velho do que nós, com seus vinte e tantos, talvez, e parecia tão alto quanto eu o imaginara, teria provavelmente um metro e noventa ou noventa e cinco de altura. E, em outras circunstâncias — digamos, se ele não estivesse impedindo a nossa fuga desesperada — eu o teria achado lindo. Cabelos castanhos na altura dos ombros, presos atrás num curto rabo de cavalo. Olhos castanho-escuros. Um casaco longo marrom como os que os cavaleiros usavam, não exatamente uma capa de chuva. Um guarda-pó, eu achava que era esse o nome.

Mas o fato de ser um sujeito atraente era irrelevante agora. Ele era apenas um obstáculo impedindo Lissa e eu de alcançarmos o carro e a nossa liberdade. Os passos atrás de nós diminuíram, e eu percebi que nossos perseguidores afinal

havam nos alcançado. Vindo de ambos os lados, eu detectei mais movimento, mais pessoas fechando o círculo. Deus. Eles mandaram quase uma dúzia de guardiões para nos buscar de volta. Eu não podia acreditar. A própria rainha não levava tantos guardiões com ela em suas viagens.

Em pânico, e sem o controle total de minha racionalidade mais aguçada, agi por instinto. Grudei-me em Lissa, mantendo-a atrás de mim e longe do homem que parecia ser o líder do grupo de perseguidores.

— Deixe-a em paz — rosnei. — Não toque nela.

A expressão dele era vazia, mas estendeu a mão num gesto que supostamente pedia calma, como se eu fosse um animal furioso que ele planejasse sedar.

— Eu não vou...

Ele deu um passo à frente. Chegou perto demais.

Eu o ataquei, dando um salto e usando uma manobra ofensiva que eu não empregava havia dois anos, desde que Lissa e eu tínhamos fugido. O gesto foi burro, outra reação guiada pelo instinto e pelo medo. E não havia esperança. Ele era um guardião experiente, não um aprendiz que ainda nem tivesse terminado o treinamento. Além disso, ele não estava fraco e quase a ponto de desmaiar.

E, caramba, ele era rápido. Eu me esquecera de como podem ser rápidos os guardiões, de como eles conseguem se movimentar e atacar como cobras. Ele me derrotou como quem afasta uma mosca. As mãos dele bateram em mim e me jogaram para trás. Não creio que ele tivesse a intenção de bater com tanta força — provavelmente queria apenas me tirar do caminho —, mas a minha falta de coordenação interferiu na minha capacidade de reação. Sem conseguir me manter de pé, comecei a cair, indo imediatamente em direção à calçada num ângulo torto, primeiro com os quadris. Ia doer. *Doer muito.*

Mas não aconteceu.

Num gesto tão rápido quanto o que usara para bloquear-me o golpe, o homem se estendeu e alcançou o meu braço, mantendo-me de pé. Quando consegui me estabilizar, percebi que ele me encarava — ou, mais precisamente, que olhava fixo para o meu pescoço. Ainda desorientada, não entendi de imediato. Depois, aos poucos, com minha mão que estava livre, alcancei meu pescoço e toquei levemente na ferida que Lissa fizera mais cedo. Quando tirei os dedos, vi que havia um sangue grudento e escuro em minha pele. Constrangida, balancei o cabelo de modo a fazer com que caísse para a frente, em torno do meu rosto. Ele era pesado e comprido e cobria-me todo o pescoço. Eu o deixara crescer exatamente por essa razão.

Os olhos escuros do sujeito se deixaram pousar um pouco mais sobre a mordida agora coberta e depois encontraram os meus. Eu correspondi com um olhar desafiador e rapidamente me livrei da mão dele que ainda me agarrava pelo braço. Ele me soltou, embora eu soubesse que poderia ter me mantido presa a noite inteira se assim quisesse. Lutando contra a tontura nauseante, eu me aproximei de Lissa novamente protegendo-a, firmando-me na expectativa de um novo ataque. Subitamente a mão dela agarrou a minha.

— Rose — disse ela calmamente. — Não.

Suas palavras, a princípio, não surtiram qualquer efeito em mim, mas, aos poucos, pensamentos tranquilizadores foram se instalando na minha mente, passando dela para mim por meio do laço que nos unia. Não era exatamente

compulsão — ela não usaria esta habilidade comigo —, mas era eficaz, assim como o reconhecimento do fato de que eles estavam desanimadoramente em maior número do que nós e eram lutadores mais experientes. Até eu sabia que não tinha mais jeito. A tensão abandonou o meu corpo, e eu cedi, derrotada.

Percebendo a minha submissão, o homem deu um passo à frente, voltando agora a atenção para Lissa. Seu rosto estava calmo. Ele lhe fez uma reverência e a fez graciosamente, o que me surpreendeu, considerando sua altura.

— Meu nome é Dimitri Belikov — disse. Pude distinguir um leve sotaque russo. — Vim para levá-la de volta à Escola São Vladimir, princesa.